



**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
FACULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS - FACEC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LIDIANE VIEIRA DE SOUZA

**RELAÇÃO ENTRE TRAÇOS DE PERSONALIDADE E HABILIDADES
SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

BARBACENA

2014

LIDIANE VIEIRA DE SOUZA

**RELAÇÃO ENTRE TRAÇOS DE PERSONALIDADE E HABILIDADES
SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Me. Esther de Matos Ireno Marques

BARBACENA

2014

Lidiane Vieira de Souza

**RELAÇÃO ENTRE TRAÇOS DE PERSONALIDADE E HABILIDADES
SOCIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Me. Ana Letícia Camargos
Escola Preparatória de Cadetes do Ar – EPCAR

Prof.^a Me. Esther de Matos Ireno Marques
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof.^a Me. Ivânia Fátima Carvalho Moura
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Dedico este trabalho à minha família e em especial ao meu pai Francisco, pois sei que ele sempre está ao meu lado.

Agradecimentos

Compreensão resume tudo que recebi nesses últimos meses.

Durante o desenvolvimento deste trabalho pude contar com pessoas especiais que me acolheram em meio ao cansaço, ao estresse, ao choro. Compreenderam-me nos momentos de angústia, agitação e das tantas ausências. Serei sempre grata a vocês!

Agradeço a Deus por ter me mostrado o caminho para chegar até aqui e me amparado nos vários momentos difíceis.

Agradeço à minha mãe Celi por todas as ajudas dispensadas a mim e pelo amor incondicional. À minha irmã Viviane, por ter me “salvado” tantas vezes e ter me dado uma grande alegria, meu sobrinho Pedro Francisco. Ao meu namorado e amigo Gilmar que, do seu jeito, me apoiou tanto e foi paciente comigo.

Agradeço de modo particular, às componentes da minha banca. À Esther, por ter enfrentado esse desafio comigo e me incentivado a prosseguir. À querida Ana Letícia, por ter me ajudado a tornar esse sonho possível. Não tenho palavras para te agradecer. À Ivânia, por ter aceitado tantas situações para que esse trabalho fosse finalizado. Muito obrigada a todas vocês por terem me ajudado a vencer. Vocês não foram professoras e sim verdadeiras companheiras!

Aos amigos de sala, agradeço pelo carinho e pelo incentivo constante. Em especial à Bhianka, Marcone, Gabriel, Angélica, Ana Paula e Fernanda, que vivenciaram de perto todo o meu percurso na elaboração deste trabalho, sempre me incentivando e dando forças.

Agradeço também ao Jardel e à Bhianka por terem me emprestado seus notebooks. Ao Wanderlei por ter me auxiliado com a tabela. A Luciana Pires por ter feito o Abstract. A Patrícia pelo auxílio com a ortografia. Podem estar certos de que foram ajudas valiosas.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Obrigada por não terem desistido de mim!!!

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

Resumo

Várias características de personalidade parecem estar envolvidas nas habilidades sociais presumindo haver uma influência mútua entre estas duas variáveis. Este trabalho teve como objetivo investigar, a partir de uma pesquisa qualiquantitativa, a existência de tal relação buscando compreender se os traços de personalidade de um indivíduo se associam com sua maneira de se comportar socialmente. Foi realizado a partir de um recorte do projeto de pesquisa Habilidades Cognitivas de Estudantes Universitários. Este, objetiva arquivar os resultados dos testes realizados pelos alunos durante as disciplinas da área de avaliação psicológica, do curso de Psicologia da UNIPAC/Barbacena. Assim, obtém-se um amplo banco de dados. Foram sujeitos da pesquisa 143 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 19 e 59 anos. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais – IHS e a Escala de Personalidade de Comrey – CPS. Os resultados confirmaram a existência da relação entre traços de personalidade e habilidades sociais, já que foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre enfrentamento e autoafirmação com risco e as escalas S (estabilidade emocional), E (extroversão) e P (empatia); autoafirmação na expressão de afeto positivo e as escalas T (confiança), S (estabilidade emocional), E (extroversão) e P (empatia); conversação e desenvoltura social e as escalas E (extroversão) e P (empatia); autoexposição a desconhecidos ou a situações novas e as escalas T (confiança), E (extroversão) e P (empatia); e autocontrole da agressividade em situações aversivas e a escala S (estabilidade emocional). Tais resultados contribuem com os dados dos estudos anteriores sobre esta temática por corroborarem os mesmos.

Palavras-chave: Traços de personalidade. Habilidades sociais. Modelo dos cinco grandes fatores.

Abstract

Several personality traits appear to be involved in social skills assuming there is a mutual influence between these two variables. This study aimed to investigate, from a qualitative and quantitative research, the existence of such a relation in order to understand whether the personality traits of an individual associated with the way to behave socially. Was conducted from a research project of the cut of Cognitive Skills College Students. This, objective archive the results of tests performed during the disciplines of psychological assessment area, of the Psychology course from UNIPAC/Barbacena. Thus, you get a comprehensive database. 143 students, of both genders, aged between 19 and 59 years were subject of the research. The instruments used were the Social Skills Inventory - SSI and the Comrey Personality Scale - CPS. The results confirmed the existence of the relation between personality traits and social skills, as statistically significant correlations were found between coping and self-assertion with risk and S (emotional stability), E (extroversion) and P (empathy) scales; self-assertion in the positive affect expression and T (confidence), S (emotional stability), E (extroversion) and P (empathy) scales; talking and social resourcefulness and E (extroversion) and P (empathy) scales; auto exposure to unknown or new situations and T (confidence), E (extroversion) and P (empathy) scales; and self-control of aggressiveness in aversive situations and the S scale (emotional stability). These results contribute with data from previous studies on this subject for corroborate with them.

Keywords: Personality traits. Social skills. Big five factors model.

Sumário

1	Introdução	9
2	Traços de personalidade	11
2.1	Conceito de personalidade.....	11
2.2	Teorias psicométricas da personalidade	12
2.2.1	O modelo de Cattell	13
2.2.2	O modelo de Eysenck.....	15
2.2.3	O modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade.....	16
3	Habilidades Sociais	18
3.1	Histórico	18
3.2	Conceito.....	20
3.3	Avaliação geral das habilidades sociais.....	21
4	Relação entre traços de personalidade e habilidades sociais.....	24
5	Objetivos	28
5.1	Objetivo geral.....	28
5.2	Objetivos específicos	28
6	Metodologia.....	29
6.1	Participantes	29
6.2	Instrumentos	29
6.3	Procedimentos.....	33
6.4	Análise de dados.....	34
7	Apresentação e discussão dos resultados	35
8	Considerações finais.....	37
	Referências	38
	Anexos	40

1 Introdução

As diferenças individuais são um assunto que tem ganhado destaque na literatura e nos cursos de formação que têm o sujeito como objeto de estudo. O estudo destas diferenças busca compreender o que faz com que os seres humanos se comportem de maneira distinta, identificando e organizando os marcadores de tais diferenciações.

Entre estes marcadores estão os traços de personalidade, que podem ser entendidos como “os aspectos internos e externos peculiares relativamente permanentes do caráter de uma pessoa que influenciam o comportamento em situações diferentes” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008, p. 09), e que por isso, podem auxiliar no entendimento sobre as diferenças de conduta das pessoas.

No que tange à personalidade, o principal objetivo da psicologia das diferenças individuais é o desenvolvimento de modelos psicológicos baseados em fatos verificáveis empiricamente, que proporcionem o conhecimento dos elementos que compõem sua estrutura. Estes modelos são derivados das teorias psicométricas por submeterem o estudo das diferenças individuais à análise fatorial, que utiliza procedimentos estatísticos para produzir teorias psicológicas (COLOM, 2006).

Outro assunto muito abordado na atualidade diz respeito às habilidades sociais, que podem ser entendidas como os comportamentos existentes no repertório de um indivíduo que fazem parte de seu desempenho no meio social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Partindo desses dois conceitos, faz-se o seguinte questionamento: os traços de personalidade de um indivíduo influenciam em sua maneira de se comportar no meio social? Pesquisas sugerem que há uma relação mútua entre essas duas variáveis.

Diante disso, o objetivo do presente trabalho foi investigar a relação entre traços de personalidade e habilidades sociais, através de uma pesquisa qualiquantitativa. Buscando também contribuir com os estudos anteriores sobre esta temática.

Para sua realização foi feito um recorte na pesquisa Habilidades Cognitivas de Estudantes Universitários, que almeja o arquivamento dos resultados dos testes realizados pelos alunos durante as disciplinas da área de avaliação psicológica do curso de Psicologia da UNIPAC/Barbacena. Pela amplitude do banco de dados que é obtido, tal pesquisa proporciona várias possibilidades de investigações científicas, desde que, se atente sempre às questões éticas e ao embasamento teórico adequado. Sendo assim, oferece dados relevantes para a análise que o presente estudo se propõe. A isto se deve seu caráter exploratório.

Esta pesquisa possui grande relevância para a ciência psicológica, por possibilitar maiores interpretações sobre a personalidade, bem como sobre as habilidades sociais e a influência mútua entre ambas. Dessa forma, auxilia o psicólogo nas mais diversas áreas de atuação por facilitar a compreensão do psiquismo humano.

2 Traços de Personalidade

2.1 Conceito de personalidade

O conhecimento sobre a personalidade é de grande importância por possibilitar uma maior compreensão da natureza humana. Mas foi apenas no final da década de 1930, a partir dos trabalhos de Henry Murray e Gordon Allport, que o estudo desse construto foi formalizado na psicologia norte-americana. Após a publicação de livros e artigos desses teóricos, a análise da personalidade tornou-se um tópico da psicologia acadêmica, favorecendo assim, o reconhecimento de seu estudo sistemático e formal como parte da ciência psicológica. Este fato possibilitou o desenvolvimento de estudos científicos sobre o tema. Diante disso, pode-se dizer que o interesse dos psicólogos pelo assunto é relativamente recente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008).

No início do século XX, os estudos sobre personalidade estavam relacionados à psiquiatria. Grande parte das investigações sobre esse construto se atentavam a explicações sobre aspectos normais e anormais da personalidade (FLORES-MENDOZA, 2006).

Colom (2006) ressalta que a maioria das pesquisas atuais sobre as diferenças de personalidade, dedicam maior atenção à análise dos traços psicológicos, tendo em vista que os mesmos, podem auxiliar na compreensão sobre as diferenças de conduta, ou seja, o modo como as pessoas se comportam. Mas não foi sempre assim. Segundo McCrae (2006) na década de 1970 os traços de personalidade eram, para grande parte dos psicólogos, uma invenção. Diante disso, a noção de uma natureza interna permanente, influenciadora da maneira de como as pessoas se comportam, foi denominada de erro de atribuição fundamental (ROSS, 1977 *apud* MCCRAE, 2006). Essas críticas impulsionaram os pesquisadores da área da psicologia da personalidade a partir de então, a buscarem com maior precisão, a base empírica e conceitual dos traços de personalidade (MCCRAE, 2006).

A psicologia da personalidade pode ser considerada uma das principais aplicações das diferenças individuais, que é o ramo de estudo da Psicologia que busca identificar os marcadores das diferenças entre as pessoas. Assim, diante das várias ideias abordadas por psicólogos e cientistas visando explicar a personalidade humana, McCrae (2006) se referiu à área, como psicologias da personalidade, sendo a teoria dos traços, apenas uma entre essas diversas teorias, mas que ocupa lugar de destaque nas pesquisas sobre este construto. Essas teorias podem ser classificadas como um conjunto de princípios com a finalidade de explicar comportamentos e experiências referentes à personalidade (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008).

Por vezes são utilizados termos vagos como bom e mau, agressivo e pacífico, tolerante e tirano, para designar o conjunto das características de personalidade de uma pessoa. Porém, esse assunto é bastante complexo para ser explicado de maneira tão simples, uma vez que o ser humano se modifica constantemente, diante das várias situações que vivencia e das várias pessoas com quem se relaciona (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008). Sendo assim, faz-se necessário uma descrição mais cuidadosa ao se referir à personalidade, se atentando também para os fatores que a constitui.

De acordo com Schultz e Schultz (2008), personalidade vem da palavra latina *persona*, que significa uma máscara que os atores utilizam durante uma peça. A partir dessa origem, pode-se concluir que a personalidade se refere às características externas de um indivíduo, ou seja, seus aspectos visíveis. Porém, ao se referir a este construto, são acrescentados vários atributos à pessoa, indo muito além de seus aspectos físicos (externos) e superficiais, pois abrange características sociais e emocionais subjetivas que podem não estar visíveis. Além disso, o conceito de personalidade faz referência também a aspectos permanentes, entre eles os traços, como algo relativamente estável e previsível. Igualmente se reconhece seus aspectos mutáveis, que podem se alterar de acordo com a situação. Partindo-se desse pensamento, tem-se a definição de personalidade como “os aspectos internos e externos peculiares relativamente permanentes do caráter de uma pessoa que influenciam o comportamento em situações diferentes” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008, p. 09).

No entanto, definir a personalidade não é tarefa fácil tendo em vista sua complexidade. Por isso não há uma definição geral, ou seja, um único conceito que seja amplamente aceito.

2.2 Teorias psicométricas da personalidade

São várias as teorias que buscam compreender como é, e como se configura a personalidade humana. Porém serão abordadas as teorias psicométricas, que objetivam contribuir com a formação de uma imagem mais clara sobre esse construto através do estudo dos traços (GARCÍA, 2006). Ou seja, elas buscam compreender como se constitui a estrutura da personalidade.

Schultz e Schultz (2008) ressaltam que para uma teoria da personalidade ser útil, é necessário que ela seja testável, ou seja, incentive a pesquisa, uma vez que teorias sem evidências que as comprovem não tem valor científico. Dentre as teorias dos traços, os modelos de maior suporte empírico, exatamente por gerar grande número de pesquisas e aplicações práticas são: o “Modelo dos 16 Fatores” de Cattell, o “Modelo dos Três

Superfatores” de Eysenck, e o “Modelo dos Cinco Grandes Fatores” de McCrae e Costa (GARCÍA, 2006). Pelo destaque que as teorias supracitadas adquiriram, se faz relevante descrevê-las no presente trabalho.

2.2.1 O modelo de Cattell

O psicólogo Raymond Bernard Cattell é considerado um teórico expressivo na análise científica da personalidade humana, tendo em vista a abrangência de seu modelo teórico para os profissionais da psicologia (GARCÍA, 2006). Seu objetivo era estudar a personalidade de pessoas ditas normais, para predizer qual seria seu comportamento diante de determinada situação. Seu foco não era o tratamento ou a tentativa de modificar a personalidade, por acreditar ser algo impossível de se fazer sem antes conhecê-la (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008).

Após intensas pesquisas com análises fatoriais, Cattell incrementou sua teoria e apresentou 16 traços originais, ou seja, os elementos básicos da personalidade (CATTELL, 1965 *apud* SCHULTZ; SCHULTZ, 2008). Esses fatores primários básicos da personalidade são estáveis e permanentes, sendo cada um deles, determinante de certas características do comportamento (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008). Segundo García (2006), Cattell teve como ponto de partida a abordagem léxica, se atentando aos fatores comuns existentes nas expressões e nos termos linguísticos, ou seja, descritores e adjetivos, utilizados ao se referir aos demais. Além da utilização de testes.

O QUADRO 1, traz a descrição dos indivíduos com baixos escores, bem como indivíduos com altos escores em cada um dos 16 traços originais proposto por Cattell:

Quadro 1 – Traços (fatores) originais de personalidade de Cattell.

Fator	Pessoa com resultados baixos	Pessoa com resultados altos
A (Afabilidade)	Reservada, afastada, imparcial	Sociável, afetuosa, calma
B (Raciocínio)	Pouco inteligente	Muito inteligente
C (Estabilidade)	Força de ego reduzida, facilmente irritável, menos estável emocionalmente	Elevada força de ego, calmo, emocionalmente estável
E (Dominância)	Submissa, obediente, meiga, insegura, dócil	Dominadora, assertiva, rigorosa
F (Entusiasmo)	Séria, sóbria, deprimida,	Despreocupada, entusiástica,

	preocupada	jovial
G (Atenção às normas)	Oportunista, com superego reduzido	Conscienziosa, com elevado superego
H (Atrevimento)	Tímida, desconfiada, distante, contida	Arrojada, aventureira
I (Sensibilidade)	Inflexível, autoconfiante, exigente	Pusilânime, suscetível, dependente
L (Desconfiança)	Confiante, compreensível, adaptável	Desconfiada, ciumenta, isolada
M (Abstração)	Prática, realista, preocupada com detalhes	Imaginativa, distraída
N (Privacidade)	Franca, ingênua, despretensiosa	Perspicaz, mundana, criteriosa
O (Apreensão)	Segura de si, equilibrada, complacente	Apreensiva, insegura, auto-reproadora
Q1 (Receptividade a mudanças)	Conservadora, mantém valores tradicionais, não gosta de mudanças	Radical, liberal, adepta de experiências e mudanças
Q2 (Não-adesão a grupo)	Dependente de grupo, prefere unir-se e seguir outros	Auto-suficiente, engenhosa, independente
Q3 (Perfeccionismo)	Descontrolada, relaxada, impulsiva	Controlada, compulsiva, exigente
Q4 (Tensão)	Descontraída, tranquila, controlada	Tensa, impulsiva, nervosa

Fonte: SCHULTZ; SCHULTZ (2008, p. 260).

Essa descrição possibilita perceber, que na teoria proposta por Cattell há repetições de palavras ou sinônimos para descrever traços distintos. O ideal seria que essas características compusessem um único fator, diante disso a teoria dos 16 Fatores se torna redundante. Este fato gerou descontentamento e críticas por parte de alguns pesquisadores do tema.

2.2.2 O modelo de Eysenck

Hans Jurgen Eysenck, um importante psicólogo no estudo das diferenças individuais, atribuiu em sua teoria grande importância às bases biológicas dos traços de personalidade. Não se ateve a linguagem, como no modelo de Cattell, mas concordava com ele que a personalidade é constituída por traços que podem ser revelados a partir da utilização do método de análise fatorial, e para complementar esse método, que julgava ser facilmente afetado pela subjetividade do pesquisador, Eysenck utilizava testes de personalidade e estudos experimentais por dar mais respaldo científico.

Sua teoria da personalidade tem base em três dimensões, ou seja, três traços básicos, que podem ser pensados como “superfatores”, formando o modelo PEN – psicoticismo, extroversão e neuroticismo. Tais fatores possuem como característica fundamental a independência entre si, ou seja, os escores de uma dimensão não tem relação com os escores de outra. E segundo Eysenck (1997 *apud* SCHULTZ; SCHULTZ, 2008), as dimensões de extroversão e neuroticismo são identificadas como elementos básicos da personalidade, e que por isso, poderiam estar presentes em aproximadamente todos os métodos de avaliação da personalidade existentes.

Este autor ainda desenvolveu para cada um desses traços um conjunto de fatores primários, ou seja, um conjunto de facetas que os compõem. É possível visualizá-las a partir do QUADRO 2, que também demonstra a diferença na classificação da dimensão dependendo da pontuação (SCHULTZ; SCHULTZ, 2008).

QUADRO 2 – Traços das dimensões de personalidade de Eysenck.

Extroversão / Introversão	Neuroticismo / Estabilidade emocional	Psicoticismo / Controle de impulso
Sociável	Ansioso	Agressivo
Animado	Deprimido	Frio
Ativo	Com sentimentos de culpa	Egocêntrico
Assertivo	Com baixa autoestima	Impessoal
Que procura emoções	Tenso	Impulsivo
Despreocupado	Irracional	Anti-social
Dominador	Tímido	Criativo
Aventureiro	Emotivo	Obstinado

Fonte: SCHULTZ; SCHULTZ (2008, p. 272).

Ao contrário da teoria proposta por Cattell, a teoria de Eysenck é bastante sucinta, fato que a torna um modelo restrito para explicar os traços de personalidade. O modelo dos Cinco Grandes Fatores apresentado a seguir, incorporou as dimensões dos fatores extroversão e neuroticismo, comprovando a solidez empírica do modelo de Eysenck.

Vale ressaltar que uma teoria não exclui a outra, pelo contrário, elas se completam, uma vez que cada um desses modelos sucedeu o anterior, buscando sempre melhorar e ampliar a teoria já existente. Mas, para este trabalho, será utilizado como base teórica o modelo dos “Cinco Grandes Fatores”, por ser o modelo predominante na atualidade. Porém, todos eles, ocupam lugar de destaque na pesquisa sobre a personalidade humana, e por isso, são referências para muitos profissionais (GARCÍA, 2006).

2.2.3 O modelo dos Cinco Grandes Fatores

Entre as várias teorias dos traços o modelo mais renomado é o dos Cinco Grandes Fatores. Sendo este atualmente, considerado o mais apropriado para descrever a estrutura da personalidade. Tal modelo descreve os seguintes traços de personalidade: neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, cordialidade e responsabilidade. De acordo com esse modelo, para se obter um perfil adequado da personalidade de uma pessoa, é necessário conhecê-la nesses cinco traços, só assim é possível prever sua conduta com maior garantia. (GARCÍA, 2006). Ainda de acordo com este mesmo autor, os cinco fatores estão mais bem descritos abaixo:

Neuroticismo (N): as pessoas com escores altos neste fator tendem à hipersensibilidade emocional e têm dificuldades para voltar à normalidade após experiências emocionais fortes. Geralmente são ansiosas, preocupadas, com mudanças frequentes de humor e depressões. Tendem a sofrer de transtornos psicossomáticos e apresentam reações muito intensas a todo tipo de estímulo.

O sujeito estável, ou seja, aquele com baixos escores nesse fator, tende a responder a estímulos emocionais de maneira controlada e proporcionada. Retorna rapidamente a seu estado normal após uma elevação emocional. Normalmente é equilibrado, calmo, controlado e despreocupado.

Extroversão (E): as pessoas extrovertidas são sociáveis, gostam de lugares com muita gente, como festas lotadas. Geralmente têm muitos amigos, com os quais gostam de conversar

o tempo todo. Gostam de situações excitantes e de se arriscar. Também adoram brincadeiras e mudanças, são despreocupadas e otimistas. Gostam de estar sempre ativas e fazendo coisas.

O introvertido típico é socialmente reservado. Mostra-se distante, exceto com seus amigos mais íntimos. Costuma ser previdente e desconfia dos impulsos súbitos. Não gosta de diversões barulhentas e desfruta de uma vida ordenada.

Abertura à Experiência (A): As pessoas com alto nível de abertura à experiência definem a si mesmas como liberais, criativas e tolerantes. Tendem a ter fantasias e emoções e sentimentos “não-ortodoxos”. Saem do caminho demarcado pelos outros para abrir novas rotas. Sentem paixão pelas manifestações artísticas. Não ficam incomodadas diante de ideias e valores novos. Adoram experimentar coisas novas e viajar.

Pelo contrário, a pessoa com baixa abertura à experiência é essencialmente conservadora e com marcada tendência a seguir os caminhos já demarcados. Geralmente, também é mais religiosa. Custa a encontrar novas alternativas para enfrentar os problemas e não gosta de ideias que possam provocar mudanças profundas, especialmente se forem radicais.

Cordialidade (C): a pessoa amável é agradável e cordial com os demais, preocupando-se com suas necessidades e com seu bem-estar. Tende a ser confiante. Percebe e interpreta adequadamente tanto as próprias emoções quanto as dos outros. É uma pessoa com empatia, capaz de se sintonizar emocionalmente com os outros.

No pólo oposto, tem-se uma pessoa fria e egocêntrica. Não se preocupa com o que possa acontecer com as pessoas ao seu redor nem com o mundo em geral. Trata-se de uma pessoa sem escrúpulos, capaz de manipular os demais para conseguir o que deseja. Se for necessário, utilizará métodos violentos, pois é incapaz de perceber a dor que causa.

Responsabilidade (R): As pessoas com escore alto em responsabilidade são metódicas e reflexivas. Pensam bastante as coisas antes de tomar uma decisão e gostam de ter tudo planejado. Respeitam as normas sociais e, em geral, as obrigações contraídas. Possuem forte sentido do dever. Em geral, são capazes de controlar seus impulsos com sucesso.

Esta dimensão da personalidade pode ser considerada como o pólo oposto da impulsividade. Assim, uma pessoa pouco responsável tem pouca capacidade de controlar seus impulsos, é irreflexiva e incapaz de ser organizada. Em geral, não respeita obrigações pessoais ou sociais.

3 Habilidades Sociais

3.1 Histórico

O termo habilidades sociais (HS) surgiu a partir de estudos relacionados à Psicologia Social e do Trabalho, na Inglaterra, ainda na década de 60 (ARGYLE; KENDON, 1967 *apud* BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001). As décadas seguintes foram marcadas por estudos que abriram um novo campo para a atuação psicológica se referindo ao desempenho social, chamado treinamento de habilidades sociais (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

No Brasil, a produção científica sobre as habilidades sociais teve início efetivamente na década de 90, apresentando um interesse progressivo por tal estudo no país. E dentre os vários pesquisadores que se dedicam a esse campo de conhecimento, se destacam Almir e Zilda Del Prette, que foram os responsáveis pelas primeiras publicações nacionais sobre este tema (MANOLIO; FERREIRA, 2011).

Sobre a estruturação do campo teórico prático das habilidades sociais, Hidalgo e Abarca (1991 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996) destacam a contribuição de cinco modelos conceituais, que serão descritos a seguir.

- O modelo cognitivo, parte do pressuposto de que o desempenho social adequado é resultado de habilidades sócio-cognitivas, que foram aprendidas na interação entre a criança e o meio social no qual estava inserida (HIDALGO; ABARCA, 1991 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

- O modelo da percepção social, segundo Argyle (1967 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996) enfoca um dos tópicos do processo cognitivo descrito anteriormente, e abarca a habilidade de se fazer uma análise do ambiente social, ou seja, é a capacidade de realizar uma discriminação de como se deve comportar em cada situação, o que resulta em um desempenho social bem sucedido.

- O modelo da teoria dos papéis faz uma associação entre a efetividade das habilidades sociais à aquisição e desenvolvimento da percepção do próprio papel como também do papel do outro nas interações, por isso sua derivação está na Psicologia Social (THIBAUT; KELLEY, 1959 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

- O modelo da assertividade, por sua vez, busca explicar os déficits e o desempenho social empobrecido a partir de duas vertentes. A primeira calcada no condicionamento respondente que supõe a inabilidade social como um efeito da ansiedade interpessoal, enquanto a segunda, situa-se no paradigma operante e busca a causa da inabilidade social na

deficiência de controle de estímulos durante o encadeamento de respostas sociais (WOLPE, 1976; LAZARUS, 1977; SERBER, 1972; EISLER; MILLER; HERSEN, 1973 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

- O modelo de aprendizagem social, que defende a ideia de que há uma aprendizagem vicariante das habilidades sociais, uma vez que as mesmas são aprendidas a partir das vivências interpessoais que possibilitam a observação do desempenho de outra pessoa, que se transforma em um modelo. Essa observação é considerada como o processo essencial na aquisição do repertório social (BANDURA, 1977; BANDURA; WALTERS, 1964 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

É importante ressaltar que estes diversos modelos conceituais se agregam a uma variável que, inicialmente, também possuía uma terminologia demasiadamente variada. Salter (1949) adotou a expressão “personalidade excitatória”, Wolpe (1976) por sua vez, a substituiu por “comportamento assertivo”. Lazarus (1977) preferiu utilizar o termo “liberdade emocional”, enquanto Fernstenhein (1972) referiu-se à “auto-afirmação”. Liberman, King, De Risi, e McCann (1975) cunharam o termo “efetividade interpessoal” (*apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

Apesar de nenhuma das designações supracitadas terem alcançado uma aceitação unânime, por não refletirem de forma satisfatória a abrangência da área, a que se tornou mais conhecida, sobretudo na década de 70, foi “comportamento assertivo” proposta por Wolpe. Embora ainda se utilize esse termo, posteriormente, ele foi sendo substituído pelo termo “habilidades sociais”, originalmente empregado por Argyle (1967 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

Ainda na década de 90, havia uma divergência entre alguns autores sobre essas duas nomenclaturas. Para Caballo (1987 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996), por exemplo, não havia diferença entre comportamento assertivo e o conjunto de habilidades sociais, enquanto Hidalgo e Abarca (1997 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996) o classificava como uma subárea das habilidades sociais. Esta última consideração parece pertinente, tendo em vista que o termo habilidades sociais corresponde à amplitude das relações interpessoais, ao passo que não se refere apenas à assertividade (mais notadamente a expressão de sentimento e defesa de direitos), mas inclui habilidades de comunicação, de resolução de problemas, de cooperação e de desempenhos interpessoais nas atividades profissionais.

Sendo assim, pela abrangência do conceito de habilidades sociais, há uma predominância em sua utilização. Uma vez que possui uma função conceitual envolvendo um conjunto de hipóteses e teorias que objetivam oferecer uma explicação sobre a relação

interpessoal, e ainda, uma função descritiva, que diz das classes de comportamentos que ocorrem em tais relações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

3.2 Conceito

O campo das habilidades sociais (HS) vem se estruturando conceitualmente, e ainda que não haja um consenso sobre sua definição, geralmente utilizava-se desse termo para designar “um conjunto de capacidades comportamentais aprendidas que envolvem interações sociais” (CABALLO, 1995; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999 *apud* BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002, p. 228).

Diante da variedade conceitual sobre as HS, fato esse que pode ser explicado pela utilização dos diversos modelos teóricos já citados, sem que haja também um consenso entre eles, se faz mister a apresentação de algumas dessas definições.

Para Caballo (1998) as habilidades sociais ou comportamento socialmente habilidoso é o conjunto de comportamentos emitidos em um contexto interpessoal que expressem sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de quem o emite, e que sejam adequados à situação, o sujeito habilidoso socialmente deve também respeitar tais comportamentos nos demais. Isso geralmente faz com que problemas imediatos sejam resolvidos, além de minimizar a probabilidade do surgimento de futuros problemas (*apud* WAGNER; OLIVEIRA, 2007).

Diante disso, pode-se pensar as HS como comportamentos que foram aprendidos e são socialmente aceitáveis, e que por isso, possibilitam a ocorrência da interação social positiva. Del Prette e Del Prette em seu livro de 1999 (*apud* DOMINGUES; MOTTI; PALAMIN, 2008) informam que o termo habilidades sociais pode ser classificado nas dimensões pessoal, situacional e cultural, sendo o comportamento social um resultado do equilíbrio entre elas.

Ainda, as habilidades sociais podem ser mais bem caracterizadas “por um rol de comportamentos sociais no repertório da pessoa, que contribuem para que esta lide de forma adequada com as ocasiões e oportunidades para relações interpessoais efetivas e satisfatórias, que caracterizam a competência social” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999 *apud* SOARES, 2011, p. 339). A partir dessa definição, se considera a funcionalidade das HS a partir das consequências que as mesmas produzem.

Para a melhor compreensão sobre o campo das habilidades sociais se faz necessário definir o conceito de desempenho social e competência social pela grande relação que

possuem. Assim, segundo Del Prette e Del Prette (2001), desempenho social se refere a todo comportamento ocorrido em uma situação social qualquer, que pode ser caracterizado como socialmente competente ou não, ou seja, inclui comportamentos que contribuem ou não para a competência social.

Competência social, por sua vez, está relacionada à capacidade que o indivíduo tem de organizar seus pensamentos, sentimentos e ações, para que componham um desempenho funcional diante das demandas do ambiente (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006). Sendo assim, possui um caráter avaliativo, uma vez que, com base em determinados critérios, julga se a tarefa social foi desempenhada adequadamente (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009).

As habilidades sociais se referem à maneira como um indivíduo reage quando se depara com situações interpessoais (BANDEIRA *et al*, 2006). São situacionais, sendo assim, os indivíduos podem ser socialmente habilidosos em um contexto e em outro não. Podendo ainda ocorrer de um mesmo desempenho social ser considerado competente em um contexto e em outro não (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999 *apud* BANDEIRA *et al*, 2006).

3.3 Avaliação geral das habilidades sociais

Segundo Del Prette e Del Prette (2001), pessoas socialmente competentes possuem relações pessoais e profissionais mais produtivas e melhor saúde física e mental. Dessa forma, o repertório de habilidades sociais se relaciona amplamente com a saúde, com a satisfação pessoal e realização profissional, estando assim, intimamente ligado com a qualidade de vida das pessoas. Os déficits de habilidades sociais por sua vez, comumente se associam a relações interpessoais conflituosas, afetam a qualidade de vida e ainda podem resultar em diferentes tipos de transtornos psicológicos. Tudo isso revela a importância em avaliar o repertório de habilidades sociais, pois a partir dessa avaliação, se percebe a necessidade ou não da realização de uma intervenção, seja ela, educativa ou terapêutica. Além de sua relevância também, para pesquisas sobre o tema.

Quanto aos possíveis objetivos da avaliação de HS, Del Prette e Del Prette (2009) ressaltam que, se referem à construção de instrumentos e procedimentos válidos e precisos; caracterização e comparação de amostras, estabelecendo normas de referência psicométrica; desenvolvimento de diagnóstico diferencial e funcional; identificação de variáveis relacionadas a recursos e déficits de HS; além de, como citado anteriormente, identificação de necessidades de intervenção, bem como, análise de sua efetividade. Assim, a avaliação das

habilidades sociais possui suas especificidades que dependem de seu objetivo, podendo se diferenciar em relação ao foco a ser avaliado e como isso ocorrerá.

O aspecto multidimensional das habilidades sociais, bem como, da competência social, acarreta a necessidade de que para avaliá-las, se utilize a avaliação multimodal, ou seja, ela deve ocorrer de vários modos através da utilização de diferentes instrumentos e procedimentos, contar com vários informantes e considerar diversos contextos de interação social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009). Ao se realizar a avaliação dessa forma, são fornecidos inúmeros indicadores do desempenho social do indivíduo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006).

Os métodos de avaliação de HS podem ser classificados como observacionais (entre eles o autorregistro e vídeo-gravação) ou de relato (escalas, entrevistas, inventários, testes). No primeiro, o pesquisador lida diretamente com os desempenhos do indivíduo, enquanto que no segundo, ele tem um acesso indireto a tais desempenhos, tendo em vista que os mesmos podem ocorrer através de autoavaliação ou por avaliação de outros significantes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006).

Del Prette e Del Prette (2006) ressaltam a importância de se estruturar um relato final, ao se utilizar uma avaliação multimodal. Este relato tem a finalidade de organizar as informações coletadas e tentar articular ao máximo as relações entre as variáveis identificadas.

Para que uma avaliação seja confiável, os instrumentos utilizados devem medir realmente o que se propõem. Dessa forma, o campo das habilidades sociais no Brasil, conta com recursos específicos, sejam eles nacionais ou adaptados à população brasileira, destinados à pesquisa e à prática sobre habilidades sociais. Essa adaptação se faz importante, tendo em vista que a habilidade social é uma variável que sofre influência também do contexto cultural, sendo assim os instrumentos devem ser de acordo com a população a qual se pretende avaliar.

Estes recursos para a avaliação das HS podem ser através de medidas de relato: nesse grupo se enquadram a autoavaliação e a avaliação realizada por outros significantes, que ocorrem através de escalas, inventários e testes de HS, sendo estes dois últimos os mais utilizados. Pode ser também através de observação direta: este tipo de avaliação tem sido valorizado, por possibilitar avaliar os componentes verbais de forma conciliada aos não verbais e paralinguísticos, além de outras variáveis de situação onde o desempenho ocorre. E ainda, a partir de entrevistas e questionários: estes recursos, embora comuns na prática clínica, são menos utilizados na avaliação das HS. Porém as informações obtidas através deles, por

meio do relato verbal, em algumas vezes não são facilmente adquiridas por outros meios (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009).

4 Relação entre traços de personalidade e habilidades sociais

O estudo sobre quais condutas resultam em uma melhor interação social, a partir da avaliação das habilidades sociais de um indivíduo, é de suma importância. Entretanto não se pode deixar de considerar que os tipos de interações estabelecidos pelas pessoas, são modulados por certos componentes da personalidade. E tendo em vista que tais componentes indicam as formas peculiares de um indivíduo se comportar socialmente, são capazes de contribuir para o estabelecimento de um melhor ou pior padrão de interações sociais (BARTHOLOMEU; NUNES; MACHADO, 2008). Ao que parece, há um envolvimento dos traços de personalidade nas habilidades sociais das pessoas, o que suscita investigações sobre a interface entre estas variáveis.

Segundo Bueno, Oliveira e Oliveira (2001, p. 32) “várias características de personalidade aparecem envolvidas nas habilidades sociais”. Essa afirmação pode ser comprovada ao se observar sujeitos que possuem características de personalidade consideradas positivas, como por exemplo, a autoestima. Esses, geralmente são expressivos e habilidosos socialmente, conseguindo conquistar a confiança das outras pessoas mais do que àqueles com ansiedade-social (RIGGIO; THROCKMORTON; DEPAOLA, 1990; RIGGIO; TUCKER; THROCKMORTON, 1987 *apud* BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

Reafirmando a existência de correlações significativas entre características de personalidade e habilidades sociais, Penn e Mueser (1995 *apud* BARTHOLOMEU; NUNES; MACHADO, 2008) mencionam que as desordens de personalidade tendem a afetar as relações em sociedade, comprometendo-as. Esse envolvimento pode ser constatado através do sucesso que se tem ao utilizar o treinamento de habilidades sociais para o tratamento de transtorno de personalidade (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

Diante disso, é possível supor que traços específicos de personalidade facilitam ou dificultam a forma como um indivíduo se expressa no meio social. Da mesma forma, a maneira em que ele se comporta socialmente, e as contingências de reforço ou punição que recebe a partir deste contato com o outro, podem influenciar na organização de sua personalidade. Esta visão facilita a compreensão do psiquismo humano (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

Dentro desta vertente foram encontrados dois estudos brasileiros realizados por Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) e por Bartholomeu, Nunes e Machado (2008). Ambos revelam a associação entre diferentes traços de personalidade e habilidades sociais, e ressaltam ainda que parece haver uma influência mútua entre essas duas variáveis. Estes

estudos serão descritos a seguir, tendo em vista a relevância que possuem para a realização da presente pesquisa, já que se trata de uma tentativa de replicá-los.

O objetivo da pesquisa de Bueno, Oliveira e Oliveira (2001), foi o de investigar as correlações existentes entre traços de personalidade e habilidades sociais, buscando confirmar a hipótese de que “as diferentes habilidades sociais podem ser explicadas por diferentes traços de personalidade” (p. 33). Foi utilizado o Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para embasar o estudo e os autores supracitados ressaltaram que, diante de sua simplicidade e abrangência, esse modelo pode ser considerado o mais adequado para investigar a relação entre essas duas variáveis.

Para a realização de tal pesquisa foram avaliados 189 estudantes universitários, de ambos os sexos, sendo a maioria do sexo feminino (148 mulheres e 41 homens), com idade entre 18 a 59 anos ($M = 26,3$ e $DP = 9,30$), que estavam cursando Letras, História, Psicologia, Pedagogia e Biologia. Os instrumentos utilizados foram, para a avaliação dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, uma escala de 64 adjetivos descritores da personalidade compilados por Hutz *et al.* (1998 *apud* BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001), dos quais os participantes deviam assinalar em termos da intensidade de concordância, em que aquele item os caracterizavam numa escala de um a cinco pontos. E para a avaliação das habilidades sociais, o Inventário de Habilidade Sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE; BARRETO, 1998 *apud* BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001), composto de 31 itens, nos quais os participantes deviam atribuir de zero a quatro pontos, considerando a frequência de emissão dos comportamentos descritos (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

Os resultados apontam que as habilidades sociais de enfrentamento com risco, autoafirmação na expressão de afeto positivo e conversação e desenvoltura social apresentaram correlações estatisticamente significativas com todos os traços de personalidade avaliados. O diferencial foi que, com extroversão, cordialidade, responsabilidade e abertura para novas experiências essas correlações foram positivas, ao passo que com neuroticismo elas foram todas negativas. Tais correlações são as seguintes: enfrentamento com risco e extroversão ($r = 0,552$), cordialidade ($r = 0,187$), responsabilidade ($r = 0,172$), abertura para novas experiências ($r = 0,395$) e neuroticismo ($r = -0,270$). Autoafirmação na expressão de afeto positivo e extroversão ($r = 0,209$), cordialidade ($r = 0,393$), responsabilidade ($r = 0,268$), abertura para novas experiências ($r = 0,239$) e neuroticismo ($r = -0,270$). Conversação e desenvoltura social e extroversão ($r = 0,304$), cordialidade ($r = 0,240$), responsabilidade ($r = 0,207$), abertura para novas experiências ($r = 0,250$) e neuroticismo ($r = -0,314$) (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

Autoexposição a desconhecidos e a situações novas correlacionou-se positiva e significativamente apenas com extroversão ($r = 0,301$) e negativa e significativamente com neuroticismo ($r = -0,311$). Autocontrole da agressividade em situações aversivas correlacionou-se positiva e significativamente com cordialidade ($r = 0,216$) e responsabilidade ($r = 0,168$) e negativa e significativamente, assim como os demais, com neuroticismo ($r = -0,161$). Após as análises realizadas pode-se observar, como fora previsto, um número satisfatório de correlações significativas entre as habilidades sociais e os traços de personalidade (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).

Bartholomeu, Nunes e Machado (2008) buscaram, ao desenvolver seu trabalho, aprofundar o estudo das associações entre habilidades sociais e socialização, também conhecida como cordialidade, que é um dos componentes da personalidade descrito pelo Modelo dos Cinco Grandes Fatores, e compreende a qualidade das relações interpessoais apresentadas pelo indivíduo. Essa definição aponta uma clara conexão entre os traços de personalidade e os fatores de habilidades sociais, indicando que a socialização apresenta características importantes para explicar as habilidades sociais.

Para sua realização, partiram do pressuposto de que “as interações sociais estabelecidas entre as pessoas são favorecidas ou dificultadas em razão das tendências de personalidade das mesmas” (p. 47). E para atingir o objetivo da pesquisa, investigaram 126 estudantes universitários do curso de Educação Física, com idade entre 18 a 35 anos ($M = 21$ e $DP = 3,37$), de ambos os sexos, porém nesse estudo houve uma prevalência do sexo masculino, compondo 53,5% da amostra. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Habilidades Sociais – IHS-Del-Prette (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001), que apresenta 38 itens retratando situações de interação social, e assim como no estudo anterior, é solicitado uma avaliação da frequência de emissão de tais comportamentos, mas neste, ela ocorre através de uma escala de cinco pontos. E a Escala Fatorial de Socialização – EFS (NUNES; HUTZ, 2007b *apud* BARTHOLOMEU; NUNES; MACHADO, 2008) que é um instrumento objetivo, de autorrelato, composto por 70 itens, que avalia a socialização/cordialidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade através de uma escala tipo Likert de sete pontos, variando entre os extremos de discordo completamente até concordo completamente. As facetas que a compõem são amabilidade, pró-sociabilidade e confiança nas pessoas (BARTHOLOMEU; NUNES; MACHADO, 2008).

A partir dos dados obtidos, foram identificadas correlações positivas e significativas entre o total de socialização/cordialidade e os fatores autoafirmação na expressão de sentimento positivo ($r = 0,30$) e autocontrole da agressividade ($r = 0,25$). Este resultado

aponta que, na maioria das vezes, quanto mais habilidosos socialmente forem os universitários, mais eles tendem a apresentar características de personalidade como serem atenciosos, empáticos, compreensivos e agradáveis com as pessoas (BARTHOLOMEU; NUNES; MACHADO, 2008).

Este último estudo, corrobora o primeiro, tendo em vista que os resultados obtidos apontam as mesmas correlações entre as variáveis. Ainda sobre as correlações, vale ressaltar que as positivas significam correlações diretamente proporcionais, enquanto que as negativas significam correlações inversamente proporcionais.

Bartholomeu, Nunes e Machado (2008) concluem a partir de tais evidências empíricas que, de fato, a personalidade pode influenciar diferentes aspectos das habilidades sociais. E inferem que, conhecendo essa relação entre as características de personalidade e os comportamentos socialmente hábeis, torna-se possível pensar em novas formas de intervenção clínica nessa área, uma vez que mudanças produzidas em um desses aspectos poderia afetar o outro. Mas sobre essa informação, os autores sugerem que haja maiores investigações.

5 Objetivos

5.1 Objetivo Geral

Investigar a relação entre traços de personalidade e habilidades sociais.

5.2 Objetivos Específicos

- Definir os aspectos que caracterizam os traços de personalidade;
- Investigar os aspectos que caracterizam as habilidades sociais;
- Contribuir com os estudos sobre a relação entre essas duas variáveis.

6 Metodologia

Para realizar a análise da correlação entre traços de personalidade e habilidades sociais, foi realizado um levantamento bibliográfico em livros e artigos acadêmicos, visando a melhor compreensão sobre essas duas variáveis. Posteriormente, foi feita uma análise do banco de dados obtido através do projeto de pesquisa “Habilidades Cognitivas de Estudantes Universitários”, aprovado em 2011, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIPAC (Anexo 1), que tem o objetivo de arquivar os resultados dos testes realizados pelos alunos, durante as seguintes disciplinas da área de avaliação psicológica, do curso de Psicologia: Técnicas de Avaliação Psicológica I (TAP-I), Técnicas de Avaliação Psicológica II (TAP-II) e Psicodiagnóstico. Oferecendo assim a oportunidade de montar um vasto banco de dados, que de outra forma seriam perdidos. Por tanto, para o presente estudo, foi realizada uma pesquisa qualiquantitativa.

6.1 Participantes

Trata-se de um estudo transversal no qual a amostra foi constituída por 143 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 19 e 59 anos, cursando o quinto e sexto períodos do curso de Psicologia da UNIPAC/Barbacena.

Como critério de inclusão considerou-se passível de participar da pesquisa todos os alunos regularmente matriculados nos períodos supramencionados e que aceitaram participar da pesquisa Habilidades Cognitivas de Estudantes Universitários, disponibilizando os resultados de seus testes. Não houve qualquer critério de exclusão, uma vez que tais testes compõem as disciplinas TAP-I e TAP-II e são aplicados em sala de aula.

6.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização da análise dos dados da presente pesquisa estão descritos abaixo. Ressaltando que o primeiro foi utilizado na disciplina TAP-I, e o segundo foi utilizado na disciplina TAP-II, tendo em vista que esta contempla a mensuração da personalidade.

- Inventário de Habilidades Sociais - IHS: desenvolvido por Zilda e Almir Del Prette devido à inexistência de instrumentos dessa natureza no Brasil. O inventário é

utilizado para mensurar desempenho social em diferentes situações (trabalho, escola, família, cotidiano), o que se justifica pelo fato de a competência social ser situacional, ou seja, a mesma pessoa pode ser competente em uma situação, mas não em outra, portanto, é necessário examinar seu desempenho em diferentes situações. Sendo assim, esse instrumento avalia as habilidades sociais por meio de cinco fatores (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001):

Fator 1 - Enfrentamento e Autoafirmação com Risco: se refere a capacidade de lidar com situações interpessoais que demandam afirmação pessoal, defesa dos direitos e da autoestima, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor (possibilidade de rejeição, de réplica ou de oposição). É um indicador de assertividade e do controle da ansiedade.

Fator 2 - Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivo: se refere a habilidade para lidar com demandas de expressão de afeto positivo e de afirmação da autoestima, que não envolvem risco interpessoal ou com apenas um risco mínimo de reação indesejável por parte do interlocutor.

Fator 3 - Conversação e Desenvoltura Social: esse fator retrata a capacidade para lidar com situações sociais neutras de aproximação, que demandam conhecimento das normas sociais de relacionamento cotidiano, principalmente traquejo social na conversação, com risco mínimo de reação indesejável. Altos escores nesse fator supõe bom conhecimento de tais normas.

Fator 4 - Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas: se refere basicamente a habilidade para abordar a pessoas desconhecidas. Sendo em parte, semelhante ao anterior, porém com maior risco de reação indesejável do outro.

Fator 5 - Autocontrole da Agressividade: esse fator se refere a habilidade para reagir a estimulações aversivas do interlocutor (agressão, pilhéria, descontrole) com razoável controle da raiva e da agressividade. Ressaltando que ter controle da agressividade não significa deixar de expressar desagrado ou raiva, mas fazê-lo de forma socialmente competente, pelo menos em termos de controle sobre os próprios sentimentos negativos.

Para a realização dessa avaliação utiliza-se 38 itens, que compõem esse instrumento. Cada um deles descreve uma situação de relação interpessoal e uma demanda de habilidade para reagir a ela, seja uma ação ou um sentimento. O testando deve estimar a frequência com que reage da forma sugerida em cada item, considerando um total de 10 vezes em que se encontrou na situação descrita, e indicar sua resposta com base em uma escala tipo Likert de cinco pontos, que varia de zero (nunca ou raramente) a quatro (sempre ou quase sempre),

contendo em todas elas, um par de opções para a resposta (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Sendo assim, as respostas são obtidas através do autorrelato, que permite um bom conhecimento do repertório de habilidades sociais do sujeito, podendo ainda, revelar aspectos sobre sua autopercepção e autoestima no campo das relações sociais. E para minimizar o efeito de desejabilidade social, alguns itens do instrumento possuem fraseado negativo, sendo a reação sugerida indicadora de falta de habilidade. Assim, pontuação alta em tais itens indica déficit na habilidade requerida naquela situação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

O tempo para a aplicação de tal instrumento é livre, com a previsão de término em, no máximo, 30 minutos. Podendo ocorrer individualmente ou coletivamente, e a população indicada são adultos e jovens que tenham, como formação mínima, o ensino médio completo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Segundo Del Prette e Del Prette (2001) esse instrumento avalia o repertório de habilidades sociais em diversas situações interpessoais cotidianas. E por ser válido e confiável para a avaliação diagnóstica e também para avaliação que tenham efeitos de intervenção, permite identificar classes e subclasses de habilidades sociais como recursos ou como déficits no repertório do testando.

- Escala de Personalidade de Comrey - CPS: instrumento de autoria de A. L. Comrey (adaptado para o contexto brasileiro por Flávio Rodrigues Costa). Avalia a personalidade por meio de oito escalas, desenvolvidas por estudos meta-analíticos feitos com os testes e com as teorias fatoriais mais importantes da época para determinar os construtos realmente importantes no campo da personalidade. E apesar de focar na descrição da personalidade “normal”, também é útil na identificação de problemas de ordem psicológica (COSTA, 2003).

É um instrumento do tipo objetivo, composto por 100 afirmações, que são respondidas por meio de autorrelato, o que diminui a intervenção do avaliador. Para isso, utiliza-se a escala Likert com a apresentação de sete opções de respostas com um par de possibilidades cada uma, das quais o testando tem que escolher uma das alternativas que vão do um ao sete. Vale ressaltar que não faz diferença saber qual das duas opções foi utilizada ao responder, o que se faz importante é que essa forma de resposta aumenta a fidedignidade ao evitar o método de escolha forçada, e possibilita ao testando uma compreensão exata do que é perguntado, permitindo que selecione exatamente a resposta que deseja. O tempo para a aplicação é livre e ela pode ocorrer de forma individual ou coletiva, sendo a população

indicada, pessoas com idade mínima de 18 anos que tenham como nível de escolaridade o ensino médio completo (COSTA, 2003).

Seguem as escalas avaliadas no CPS, e seus significados (COSTA, 2003):

1 - Escala T – Confiança X Atitude Defensiva: altos escores nesse fator indicam indivíduos que acreditam na honestidade, fidedignidade e boas intenções de outras pessoas, e possuem fé na natureza humana. Baixos escores indicam ao contrário, indivíduos defensivos, desconfiados, retraídos, e que a princípio, possuem uma opinião negativa do valor do homem em geral.

2 - Escala O – Ordem X Falta de Compulsão: indivíduos com altos escores nesse fator se aтем a limpeza e ordem, são cautelosos, detalhistas e gostam da rotina. Escores baixos por sua vez, diz de indivíduos inclinados as serem descuidados, relaxados, não sistemáticos no estilo de vida, imprudentes e, ainda, por vezes, pouco asseados.

3 - Escala C – Conformidade X Inconformidade Social: indivíduos com capacidade para aceitar a sociedade como ela é, que respeitam e acreditam no cumprimento das leis, buscam aprovação da sociedade e se incomodam com o não conformismo dos outros, se apresentam com altos escores nesse fator. Ao contrário, escores baixos indicam indivíduos que contestam as leis e as instituições sociais, não são conformistas e não aceitam também, o conformismo alheio.

4 - Escala A – Atividade X Falta de Energia: altos escores nesse fator indicam pessoas que apreciam atividades e exercícios físicos, são possuidoras de grande energia e perseverança, e se esforçam para atingirem o máximo de suas capacidades. Pessoas com baixos escores nessa escala são inclinados à inatividade física, e tem falta de vigor e energia, se cansam rapidamente e tem pouca motivação para se superarem.

5 - Escala S – Estabilidade X Instabilidade Emocional: pessoas com altos escores em S se descrevem como calmos, otimistas, de humor estável, felizes e confiantes em si mesmos. O oposto, ou seja, pessoas com baixos escores se descrevem como sendo agitadas, pessimistas, com frequentes oscilações de humor, por vezes deprimidas e com sentimentos de inferioridade.

6 - Escala E – Extroversão X Introversão: altas pontuações nessa escala indicam pessoas expansivas, sociáveis, acessíveis, que têm facilidade de contato com desconhecidos e facilidade para falar em grupos. Pessoas com pontuações baixas por sua vez, são reservadas, reclusas, tímidas, têm dificuldade para estabelecer contato com outros, e ainda, receiam ser o foco da atenção em situações públicas.

7 - Escala M – Masculinidade X Feminilidade: escores altos nesse fator indicam indivíduos teimosos, durões, que suportam vulgaridades, não se impressionam com cenas violentas nem choram com facilidade, e também, não demonstram interesse em histórias românticas e de amor (características estas, associadas ao estereótipo social de masculinidade). Indivíduos com baixos escores choram facilmente, desestabilizam-se ao verem insetos e répteis, e demonstram interesses em histórias românticas. Faz-se importante destacar que essa escala não visa a identificações de hétero ou homossexualidade.

8 - Escala P – Empatia (Altruísmo) X Egocentrismo: pessoas empáticas, ou seja, que tem a tendência para sentir o que sentiria outra pessoa caso estivesse na situação experimentada por ela, e que também são prestativas, generosas e altruístas, se apresentam com altas pontuações nesse fator. Por outro lado, pessoas com pontuações baixas tendem a se ocuparem mais de si mesmas e de seus próprios objetivos.

Esse instrumento possui ainda, duas escalas de validação do protocolo. São elas (COSTA, 2003):

Escala V – Validade: nessa escala, são apresentados 08 itens, que possuem teoricamente como única opção de resposta, as alternativas 1 ou 7, e é esperado no escore bruto, um valor igual a 8. Porém escores mais altos também a validam, exceto os valores próximos a 32, por serem altamente sugestivos de protocolos inválidos.

Escala R – Tendenciosidade na Resposta: através dessa escala é possível detectar quando o indivíduo simula ser portador de uma personalidade que de fato não tem. Nesse caso, escores próximos ou acima de 62, podem levar a interpretação de que o testando deu respostas socialmente desejáveis, mas que não foram sinceras.

Segundo Costa (2003), pode-se considerar como principal característica do CPS, a possibilidade em avaliar quantitativa e qualitativamente os fatores da personalidade. Uma vez que cada fator pode ser avaliado quantitativamente pelo percentil e pela classificação em que se situa o escore bruto. E qualitativamente por sua localização no eixo vertical de valores que direcionam os extremos qualitativos do fator.

6.3 Procedimentos

Após a aprovação do projeto “Habilidades Cognitivas de Estudantes Universitários”, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIPAC em 2011, foi iniciada, no ano seguinte, a catalogação dos dados. Esse trabalho foi realizado por um grupo de seis alunos do curso de Psicologia, na condição de participantes/voluntários desse projeto de iniciação científica, sob

supervisão da professora responsável pela pesquisa. Posteriormente em 2013/2014, este trabalho foi atualizado por dois alunos bolsistas.

Os alunos do quinto e sexto períodos, ao final das disciplinas TAP-I e TAP-II respectivamente, tiveram todas as informações necessárias sobre a pesquisa de habilidades cognitivas. Para tanto, a pesquisadora responsável explicou os objetivos do estudo, esclarecendo sobre os aspectos relacionados à ética, ao sigilo dos dados coletados, e a não obrigatoriedade de participação.

Após as devidas explicações, os alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 2) autorizando o arquivamento dos resultados dos testes aos quais foram submetidos, para a realização de futuros estudos. Por se tratar de uma pesquisa feita em ambiente acadêmico durante as atividades regulares já programadas para a condução das disciplinas, a possibilidade de riscos para os participantes é quase nula.

6.4 Análise de dados

Conforme citado anteriormente, os resultados obtidos através dos vários testes aplicados em sala de aula foram digitados por seis alunos voluntários e mais dois bolsistas, participantes do projeto de iniciação científica. Sendo assim, os dados foram arquivados num banco de dados criado exclusivamente para este estudo. Depois de realizada a digitação, os testes foram devolvidos aos alunos.

Para o presente estudo, foram feitas análises estatísticas utilizando o software estatístico SPSS versão 15.0, de acordo com o objetivo proposto para tal pesquisa. A seguir, estão detalhadas as análises realizadas, bem como os resultados encontrados.

7 Apresentação e discussão dos resultados

A amostra total foi constituída por 143 estudantes ($n = 143$), de ambos os sexos, com predominância do sexo feminino totalizando 120 mulheres (83,9%) e apenas 23 homens (16,1%). A média de idade da amostra foi 27,48 anos ($dp = 7,94$) com pessoas de 19 a 59 anos, cursando o quinto e sexto períodos do curso de Psicologia da UNIPAC/Barbacena.

A TAB. 1 apresenta os resultados encontrados nas correlações entre traços de personalidade e habilidades sociais, através de análises feitas a partir das oito escalas de personalidade propostas pelo CPS e os cinco fatores de habilidades sociais propostos pelo IHS.

Tabela 1 - Correlações entre habilidades sociais e as escalas de personalidade.

	Escala T	Escala O	Escala C	Escala A	Escala S	Escala E	Escala M	Escala P
Fator 1	0,145	-0,015	0,066	0,161	0,291(**)	0,490(**)	-0,068	0,205(*)
Fator 2	0,225(*)	0,055	0,039	0,118	0,234(**)	0,368(**)	-0,139	0,301(**)
Fator 3	0,175	0,038	-0,026	0,174	0,171	0,445(**)	-0,017	0,194(*)
Fator 4	0,229(*)	0,075	-0,027	0,161	0,163	0,555(**)	-0,061	0,369(**)
Fator 5	0,000	0,003	-0,089	0,018	0,184(*)	-0,087	0,082	0,066

Nota. ** A correlação é significativa no nível de 0,01 (2-tailed).

* A correlação é significativa no nível de 0,05 (2-tailed).

Fonte: Da autora.

De acordo com o que se pode observar na TAB. 1, houve um número satisfatório de correlações estatisticamente significativas entre habilidades sociais e traços de personalidade.

Os resultados apontam que enfrentamento e autoafirmação com risco (Fator 1) correlacionou-se positiva e significativamente com as escalas S ($r = 0,291$), E ($r = 0,490$) e P ($r = 0,205$). Indicando que quanto mais estável emocionalmente, extrovertida e empática for a pessoa, maiores as suas habilidades para enfrentar situações interpessoais que demandam afirmação pessoal, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor.

Autoafirmação na expressão de afeto positivo (Fator 2) correlacionou-se positiva e significativamente com as escalas T ($r = 0,225$), S ($r = 0,234$), E ($r = 0,368$) e P ($r = 0,301$). Demonstrando que quanto maior o nível de confiança nos demais, estabilidade emocional,

extroversão e empatia forem apresentados pelo indivíduo, maior será sua capacidade para lidar com demandas de expressão de afeto positivo e de afirmação da autoestima.

Conversação e desenvoltura social (Fator 3) correlacionou-se positiva e significativamente com as escalas E ($r = 0,445$) e P ($r = 0,194$). Sinalizando que a pessoa, quanto mais extrovertida e empática for, dispõe de maiores habilidades para lidar com situações sociais de aproximação, que demandam principalmente traquejo social na conversação, com risco mínimo de reação indesejável.

Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas (Fator 4) correlacionou-se positiva e significativamente com as escalas T ($r = 0,229$), E ($r = 0,555$) e P ($r = 0,369$). Tal resultado proporciona a compreensão de que quanto mais o sujeito apresenta características de personalidade como confiança para nos demais, extroversão e empatia, mais habilidoso ele é para abordar pessoas desconhecidas em situações com maior risco de reação indesejável do outro.

Autocontrole da agressividade em situações aversivas (Fator 5) correlacionou-se positiva e significativamente apenas com a escala S ($r = 0,184$). O que indica que quanto maior estabilidade emocional a pessoa apresentar, maiores serão também suas habilidades para reagir com razoável controle da raiva e da agressividade às estimulações aversivas do interlocutor, expressando tal sentimento de forma socialmente competente.

Diferente do estudo realizado por Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) em que se observou a existência de correlações negativas e significativas entre todos os fatores de habilidades sociais e neuroticismo, um dos componentes da personalidade descrito pelo Modelo dos Cinco Grandes Fatores, no presente trabalho não se observou correlações negativas que fossem estatisticamente significativas. A hipótese que pode justificar tal diferença se refere à utilização de instrumentos diferentes em cada um dos estudos. Uma vez que para a pesquisa de Bueno, Oliveira e Oliveira (2001) o instrumento utilizado para avaliar as HS continha 31 itens, enquanto na pesquisa atual foi utilizado um instrumento contendo 38 itens. Ainda assim, as evidências empíricas obtidas nesta pesquisa sustentam os estudos anteriores, por confirmarem a existência de correlações entre diferentes traços de personalidade e as habilidades sociais.

Tendo sido este trabalho embasado no modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade, se faz importante destacar que o neuroticismo, a extroversão e a cordialidade, fatores abordados por tal modelo, podem ser avaliados pelas escalas S, E, e P do CPS, por isso a escolha de tal instrumento.

8 Considerações finais

Este estudo analisou a existência de correlações entre traços de personalidade e habilidades sociais, buscando confirmar a hipótese de que há uma influência mútua entre tais variáveis. Os resultados obtidos foram satisfatórios, pois evidenciaram que tal hipótese é pertinente, sendo condizente com a literatura consultada, como também com a prática do psicólogo. Tendo em vista as semelhanças entre os resultados e as demandas encontradas na atuação clínica.

O estudo sobre a existência de correlações entre traços de personalidade e habilidades sociais se faz importante por fornecer uma compreensão da relação entre essas duas variáveis. Para a atuação profissional do psicólogo, tal compreensão ocupa lugar de destaque, pois auxilia o planejamento de intervenções na área, podendo assim, ser bastante útil em programas de seleção, desenvolvimento, treinamento e aconselhamento psicológico (BUENO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001). Esta pesquisa se torna importante também por pretender replicar os trabalhos nacionais sobre o tema, tendo em vista a escassez de publicações da área no Brasil.

Por ser este trabalho um estudo correlacional, não é possível se pensar em causa e efeito, mas seus resultados possibilitam maior percepção sobre as diferenças individuais e melhor entendimento sobre os sujeitos. Conclui-se, então, que a presente pesquisa foi relevante pela abrangência da análise psicológica que ofereceu, contribuindo assim com a Psicologia das Diferenças Individuais, como também com a área de Avaliação Psicológica. Dada sua relevância, se faz necessário a realização de outros estudos, que investiguem a associação de tais variáveis.

Referências

- BANDEIRA, Marina. *et al.* Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes do ensino fundamental. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 3, p. 541-549, 2006.
- BARTHOLOMEU, Daniel; NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva; MACHADO, Afonso Antônio. Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. **Psico-USF**. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-50, 2008.
- BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 227-235, mar. 2002.
- BUENO, José Maurício Haas; OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva Sales; OLIVEIRA, José Carlos da Silva. Um estudo correlacional entre habilidades sociais e traços de personalidade. **Psico-USF**, São Paulo, v. 6, n.1, p. 31-38, 2001.
- COLOM, Roberto. História da psicologia das diferenças individuais. In: FLORES-MENDOZA, Carmem; COLOM, Roberto. *et al.* Introdução à psicologia das diferenças individuais. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 1, p. 16-36.
- COSTA, Flavio Rodrigues. **Escala de Personalidade de Comrey**. São Paulo: Vetor, 2003.
- DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais: uma área em desenvolvimento. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 233-255, 1996. Disponível em: <<http://www.rihs.ufscar.br/armazenagem/pdf/artigos/hs-area>>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- DEL PRETTE, Zilda A. P., DEL PRETTE, Almir. **Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette)**: manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. Avaliação multimodal de habilidades sociais em crianças: procedimentos, instrumentos e indicadores. In: BANDEIRA, Marina; DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir (Orgs.). **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. Cap. 2, p. 47-68.
- DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. Avaliação de habilidades sociais: bases conceituais, instrumentos e procedimentos. In: DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir (Orgs.). **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações**. Petrópolis: Vozes, 2009. Cap. 5, p. 189-231.
- DOMINGUES, Angela Ferreira; MOTTI, Telma Flores Genaro; PALAMIN, Maria Estela Guadagnucci. O brincar e as habilidades sociais na interação da criança com deficiência auditiva e mãe ouvinte. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 37-44, jan.-mar. 2008.
- FLORES-MENDOZA, Carmem E.. O estudo das diferenças individuais no Brasil. In: FLORES-MENDOZA, Carmem; COLOM, Roberto. *et al.* Introdução à psicologia das diferenças individuais. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 2, p. 37-55.

GARCÍA, Luis F. Teorias psicométricas da personalidade. *In*: FLORES-MENDOZA, Carmem; COLOM, Roberto. *et al.* Introdução à psicologia das diferenças individuais. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 12, p. 219- 242.

MANOLIO, Carina Luiza; FERREIRA, Bárbara Carvalho. O campo das habilidades sociais no Brasil: entrevista com Almir e Zilda Del Prette. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 537-550, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v11n2/artigos/pdf/v11n2a12.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2014.

MCCRAE, Robert R. O que é personalidade? *In*: FLORES-MENDOZA, Carmem; COLOM, Roberto. *et al.* Introdução à psicologia das diferenças individuais. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 11, p. 203-218.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. O estudo da personalidade: avaliação, pesquisa e teoria. *In*: _____ **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. Cap. 1, p. 03-38.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. Raymond Cattell, Hans Eysenck e outros teóricos dos traços. *In*: _____ **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. Cap. 10, p. 255-286.

SOARES, Adriana Benevides. Dossiê Habilidades Sociais. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 399-402, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v11n2/artigos/pdf/v11n2a02.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

WAGNER, Marcia Fortes; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p.101-116, dez. 2007.

Anexos